

APRESENTAÇÃO

A FESTA E A CIDADE*

PAUL CLAVAL
Université Paris-Sorbonne (Paris 4)
p.claval@wanadoo.fr

Os geógrafos estudam tradicionalmente a cidade em suas formas (extensão, planos, redes viárias, volumes construídos), em sua população (efetivos, origem, composição, migrações, classes), em suas atividades artesanais, industriais, comerciais ou administrativas, ou em suas funções políticas ou religiosas. A cidade é, assim, apreendida em sua temporalidade habitual, aquela da sucessão do trabalho e do repouso, aquela da produção e do consumo, e em suas dimensões simbólicas permanentes, como núcleo de poder e centro religioso.

UMA RUPTURA NO FLUXO DO TEMPO, UM PARÊNTESE

A festa rompe com a vivência cotidiana. Fim do trabalho, das obrigações pesadas! Lugar ao jogo, ao relaxamento. O cenário muda: arcos do triunfo, guirlandas e flores transformam as ruas e escondem o acinzentado e a pobreza dos edifícios envelhecidos; as cores alegam o ambiente; a música invade a cidade; as pessoas fantasiam-se, mascaram-se, desfilam, cantam, dançam; soltam-se fogos de artifício, realizam-se espetáculos.

A festa introduz um parêntese na vida das pessoas: as preocupações e os problemas são esquecidos, as tarefas repetitivas dão lugar aos ritmos inéditos e frequentemente endiabrados. As estruturas rígidas da vida social apagam-se: as barreiras caem, a alegria é geral, todo mundo se fala.

As atividades produtivas cessam: usinas e escritórios são fechados. Fim dos uniformes de trabalho, do terno e gravata dos executivos, dos *bleus* e *bourge-*

* Traduzido do francês por Igor Catalão.

*rons*¹ dos operários. Cede-se lugar à fantasia, à imaginação! Fim das atitudes compassadas e dos códigos de bom comportamento.

O trabalho impede de sair à noite, de permanecer acordado, de aproveitar os prazeres noturnos. A festa invade a noite. As crianças misturam-se aos adultos e aos velhos até uma hora avançada. As iluminações transfiguram o cenário habitual. As festividades terminam com fogos de artifício.

Fazer festa é consumir, beber, comer, fartar-se². O gasto não conta mais: o prazer de oferecer e compartilhar prevalece. A generosidade afirma-se. Por que não desperdiçar? Não é essa uma maneira de superar os pesares da vida habitual?

UMA INSCRIÇÃO EM OUTRAS TEMPORALIDADES, OUTRAS DURAÇÕES

A festa projeta aqueles que dela participam em durações inabituais. Religiosa, ela leva o tempo às origens, aquelas da sociedade à qual pertencemos ou as da cidade onde ela acontece. Ela faz reviver a Revelação, o nascimento do Cristo, sua crucificação ou sua ressurreição. Política, ela relembra aqueles que se sacrificaram pela pátria ou exalta os que a dirigem hoje. Revolucionária, ela relembra os acontecimentos que balançaram os Antigos Regimes, celebra as revoltas do tempo presente e instala os que delas participam na utopia dos amanhãs que cantam. A festa relembra um passado engrandecido, transfigura o presente ou anuncia um futuro glorioso.

A festa traz de volta o tempo do mito. Ela sacraliza o espaço profano; as procissões religiosas sublinham-no como num registro diferente, as longas marchas que comemoram os acontecimentos revolucionários.

UMA ATMOSFERA E *DÉCORS* NOVOS

Para dizer que uma manifestação é agradável, contentamo-nos frequentemente em mencionar que reina um ar de festa. Para esquecer o quotidiano, outra atmosfera impõe-se com efeito: ela nasce do novo quadro e dos novos cenários imaginados para a ocasião. Parêntese que rompe o desenrolar normal do tempo, a festa é efêmera: não se trata de redesenhar a cidade; pode-se, no

¹ Uniformes típicos do operariado francês. (N. T.)

² No original, em francês, *se remplir la panse*. (N. T.)

melhor dos casos, construir alguns edifícios novos. A cena habitual é transfigurada, mas com baixo custo.

Estendem-se lençóis nas paredes; bandeiras e estandartes ondulam ao menor sopro; eles dão cor e animam as fachadas. Guirlandas de formas e pinturas variadas metamorfoseiam as artérias. Os desfiles passam sob os arcos do triunfo. Construídos em madeira, eles são ricamente coloridos. Nas praças onde a multidão se aglomera, arquibancadas são montadas para as orquestras ou espetáculos.

O ambiente sonoro muda: o barulho de fundo dos veículos é substituído pelos gritos e cantos dos participantes, pela música das orquestras. O soar dos tambores e a sonoridade do bronze agitam os espectadores, fazem-nos sair de si mesmos e colocam-nos em uníssono com a multidão ao redor.

O ESPETÁCULO, A DEAMBULAÇÃO, O DESFILE, A DANÇA

A festa é um espetáculo. Este pode ser realizado por profissionais, músicos, cantores, atores. A multidão não permanece inerte: ela dança ao ritmo das orquestras, retoma os refrãos das canções, aquece-se com as repetições das peças populares.

Mas a festa só se torna completa se atores e espectadores se misturam. Os carros abrem os desfiles; os participantes acostumados seguem-nos e dançam ao ritmo que dão as orquestras. A multidão reunida ao longo das ruas entusiasma-se ao vê-los passar; ela junta-se ao cortejo que não cessa de aumentar; participa à efervescência geral e enriquece-a com os jogos que improvisa.

A deambulação ritmada, o ruído que a acompanha, o cansaço que ela provoca criam um estado de exaltação e de desligamento às vezes próximo do transe. Ele aproxima as pessoas; o entusiasmo propaga-se de um ao outro. Cada um funde-se num grande todo. Em uma sociedade marcada pela divisão das tarefas, pela fragmentação do tempo, pela multiplicidade dos contatos impessoais, a sociedade ressuscita a comunidade: as pessoas presentes formam um todo solidário. No seio das sociedades sem o calor do mundo moderno, a festa recria as solidariedades e fortifica as identidades.

AS DIMENSÕES SOCIAIS DA FESTA

A festa concerne esta ou aquela categoria social ou toda a população; ela é o feito dos habitantes de um bairro ou daqueles de toda a cidade; ela é própria

à cidade ou inscreve-se em um calendário religioso que interessa a todos os crentes ou num outro da República, que diz respeito a toda a nação. Ela devolve aos grupos que a organizam e a vivem um sentido de pertencimento compartilhado, aproximando-se seu passado, solidificando-os. Ela recompõe a cidade ou algumas de suas frações. Seu papel interrogador é fundamental.

A festa coloca em contato ambientes diversos. De um a outro, trocam-se ideias, copiam-se práticas. Misturas e empréstimos fazem nascer novas práticas e novas imagens do corpo social.

A festa exalta uma ordem simbólica que a vida quotidiana faz, às vezes, esquecer: se ela é religiosa, ela devolve à fé o ardor que ela tinha quando da revelação; se é política, enaltece os valores centrais do grupo e conforta o poder dos que os defendem. A festa provoca momentos de exaltação.

Ao mesmo tempo, a festa dissolve a ordem instituída e questiona novamente as hierarquias. O povo zomba de seus mestres, ridicularizam-nos às vezes. É o tempo do barulho, dos estouros, da truculência, dos excessos. Por meio deles, a cidade conhece uma experiência catártica: as tensões sociais acalmam-se por terem-se expresso em pleno dia.

A festa associa sempre, e frequentemente de maneira inextricável, os valores que estruturam a sociedade, que lhe dão um sentido, e aqueles que a contestam, que a ridicularizam e também convidam à mudança. De um lado, ela alimenta-se no repertório da civilização das elites. De outro, nutre-se do gênio popular.

A FESTA E A CIDADE NO PASSADO

A festa remonta a um passado longínquo. Seus componentes populares retomam, ao infinito, temas introduzidos há muito tempo: o carnaval é o herdeiro das Lupercálias romanas. Desde os cultos a Dionísio na Grécia antiga, o vinho escorre livremente para descontrair o ambiente, tornar as relações mais fáceis e suscitar a alegria.

As festas das cidades gregas eram religiosas: as competições esportivas de Olímpia o eram! A festa grega reportava-se ao tempo em que as divindades protetoras³ criavam e modelavam a cidade; ela reunia os cidadãos e exaltava a comunidade que eles formavam; sua importância cívica era forte. Cultos e festas eram associados a algum deus. A música e o teatro florescem nesse cenário.

³ No original, em francês, *poliades*. (N. T.)

Em um contexto pagão, os excessos aos quais essas manifestações dão lugar não chocam. Os gregos, como comprova Aristóteles, eram conscientes de seu papel catártico.

A festa cristã condena as tradições pagãs, mas estas são tão intimamente ligadas às práticas populares que não se pode eliminá-las: os exageros do Carnaval são necessários a quem vai conhecer os quarenta dias de jejum da Quaresma. Os mistérios encenados às portas das igrejas ressuscitam o teatro. As festas da sociedade feudal têm um verniz religioso, mas falam, sobretudo, de guerra e amor. Com a ascensão do poder real, a festa torna-se política. Os reis da França vão de cidade em cidade para afirmar sua autoridade: as festas que acompanham sua chegada em cada uma delas exaltam o monarca. Luis XIV faz de Versalhes um centro de festas quase permanente: o fasto que se prepara reforça seu prestígio e sua autoridade.

A revolta revolucionária aparece como uma nova forma de festa, tão logo institucionalizada. A festa da Federação mostra-o e comemora, desde 1790, o 14 de julho de 1789, fundando a nação francesa sobre uma nova base simbólica.

A racionalização das sociedades que leva à modernização reduz o lugar feito para a festa. Estão fora de questão as manifestações selvagens, as explosões brutais: a sociedade deve ser disciplinada. As burguesias urbanas da Europa Ocidental encarregam-se disso na primeira metade do século XIX. À espontaneidade das manifestações tradicionais sucedem-se espetáculos organizados por profissionais. As classes dominantes do hemisfério sul, no Rio de Janeiro em particular, imitam muito rapidamente a nova moda europeia. A dança não é mais livre, universal. Ela acompanha os desfiles cuidadosamente conduzidos ou é praticada nas praças ou nos locais em que eles terminam. A festa perde sua exuberância. Para fazer-se demasiado sábia, ela torna-se entediante. Ela é esvaziata pela juventude e pelas classes populares, que pedem prazeres mais fortes.

A FESTA E A CIDADE NO SÉCULO XX

No limiar do século XX, o declínio da festa parece inevitável: ele liga-se ao triunfo da razão fria que caracteriza as sociedades industriais e as culturas da escrita.

Os novos meios de comunicação ganham um papel que parece comprometido com a imitação direta, com os jogos de proximidade e com a oralidade.

Os totalitarismos que se afirmam entendem-no rapidamente. Eles garantem seu projeto por uma propaganda incansável levada à rádio e, em seguida, à televisão. Organizam gigantescas festas políticas para enaltecer o novo poder, afirmar sua dimensão simbólica e conter, numa comunidade unida, as multidões que controlam e subjagam.

A ascensão de novos meios de comunicação dá uma nova chance às tradições populares que o progresso parece condenar. Nos Estados Unidos, em Cuba, no Brasil, as populações de origem africana levadas pela escravidão não tinham esquecido os ritmos africanos. Eis que estes ressurgem, modernizados, no *jazz* estadunidense⁴, na rumba cubana ou no (deve-se dizer) samba brasileiro. A festa encontra um novo vigor para integrar tradições que acreditávamos perdidas.

O Carnaval do Rio encarna perfeitamente essa ressurreição da festa: do entrudo⁵ grosseiro, passa-se, a partir de um problema de controle, aos desfiles enquadrados segundo itinerários fixos. Mas os folclores europeus e africanos invadem esses desfiles, instalam aí a dança, fazem deles imensos espetáculos populares. O Estado Novo de Getúlio Vargas, muito próximo aos tempos dos fascismos europeus, recupera-os: ele faz do Carnaval do Rio o símbolo da nova unidade do Brasil e acerta as manifestações que as escolas de samba preparam.

HOJE: A CIDADE FESTIVA

A festa deixou de ser necessária? Ela serve, sobretudo, para evitar as explosões sociais graves provocando nelas explosões passageiras, mais benignas? Pode-se, sem ela, exaltar a profundidade da fé ou confortar os sentimentos de identidade?

A festa urbana pertence mais às sociedades do passado? Como ela evolui? Como sagrado e profano conciliam-se nela hoje? A proliferação das seitas e a ascensão de ideologias novas dão-lhe novas bases, sugerindo-lhe novos temas?

Até pouco tempo, o arquiteto tinha o problema de construir prédios onde as formas simbolizassem as funções: um palácio de justiça devia assemelhar-se a um templo grego; uma igreja, a um priorado romano, uma catedral gótica ou ao Gesù de Roma. Os funcionalistas iam mais longe: segundo eles, o charme dos edifícios devia-se à sua estrutura mesma, cuja importância devia ser visível:

⁴ No original, em francês, *américain*. (N. T.)

⁵ Em português no original. (N. T.)

as ogivas e os contrafortes do gótico serviam, ao mesmo tempo, para equilibrar os impulsos internos à construção e sugerir, por seu voo, a vocação espiritual das igrejas. Os novos materiais, feixes de aço ou de concreto armado, tornam inútil a parede e seu peso: valorizando as estruturas de apoio, o arquiteto afirma a verdade de um prédio cuja decoração inteira está banida. Sua beleza vem da simplicidade e da pureza das formas assim obtidas.

A concepção da construção que domina na cidade moderna pode ser simbólica ou funcional, mas fala sempre do papel que os edifícios mantêm na vida da cidade e do que acontece no interior de suas paredes.

A gama de possibilidades oferecidas pela arquitetura dos Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna (CIAM) era reduzida e repetitiva. As formas que ela engendra cansam rapidamente. Os inspiradores do movimento rompem eles mesmos com os princípios que tinham estabelecido: Oscar Niemeyer, no Brasil, e Le Corbusier, na França, retomam suas curvas, suas cúpulas, seus arcos. Mas a reação vai rapidamente muito mais longe: é todo o movimento moderno que ela condena.

A arquitetura moderna volta ao ornamento, ao *décor*, mas rompe duplamente com a tradição arquitetural ocidental. (i) O arquiteto não busca mais tornar visível a estrutura arquitetônica do edifício: ele não crê mais na verdade funcional. (ii) As formas que ele dá aos prédios que propõe são muito evocativas, muito falantes, mas não são concebidas para expressar simbolicamente o papel social do que é construir. Elas funcionam como citações.

O exemplo mais conhecido é o de Las Vegas: a cidade ignora o cubismo rígido dos CIAM. Suas formas falam, mas não dizem para que serve a cidade, tornada um gigantesco cassino. A paisagem é uma coleção de obras escolhidas: encontramos ali Veneza e seus canais, a Roma imperial e aquela do Renascimento, a Torre Eiffel, a Europa Central... Isso traduz uma tendência profunda do turismo contemporâneo: não nos deslocamos mais para descobrir formas autênticas, mas para encontrar as imagens que a imprensa, o cinema, a televisão e os operadores turísticos impuseram: é esse imaginário que é importante frequentar e não a verdade primeira dos lugares. Las Vegas atrai tanto mais turistas americanos – e aqueles do mundo inteiro – que eles encontram ali todos os *décors* associados ao excepcional, ao único, ao sucesso, todos os que são importantes de serem visitados porque contribuem para criar uma atmosfera festiva.

Las Vegas não resume a ela sozinha o mundo pós-moderno. A cidade que este engendra se busca. Como em Las Vegas, ela renuncia expor em sua nudez as formas arquitetônicas que estruturam os prédios. Como no museu Guggenheim de Bilbao, a moda é dar à edificação uma aparência que desafia as leis da gravidade e se opõe às regras tradicionais da construção. O arquiteto renuncia, ao mesmo tempo, expressar, nos volumes que criou, a função que cumprem os edifícios que construiu.

A cidade pós-moderna é feita de *décors* livremente compostos: ela apaga o jogo de forças da gravidade; ela não recorre a uma gramática aceita de formas adaptadas às funções. Ela assemelha-se aos *décors* efêmeros que as cidades ganhavam por ocasião das festas. Não é isso o sinal de uma transformação profunda do habitar?

Não entramos na era da cidade festiva? A cidade do mundo tradicional e aquela do mundo industrial tinham em comum o fato de viverem de funções ligadas a sua posição nas redes gerais de comunicação. Seu papel refletia seu nível hierárquico (burgo, pequena cidade, cidade média, metrópole regional), sua contribuição com a produção e a circulação dos bens (elas asseguravam a comercialização da produção agrícola ou industrial das áreas vizinhas ou a de suas manufaturas – estava-se lidando com um mercado agrícola, com uma vida comercial, com um centro manufatureiro) e suas atividades de centros terciários (elas ofereciam serviços de proximidade ou de comércio raros, de pequenos centros de saúde ou de grandes hospitais, de colegas ou de universidades) ou de comando (elas abrigavam o Estado Maior de grandes firmas, de serviços administrativos ou serviam de sede do poder). É de tudo isso que falava a arquitetura das cidades de ontem. As de hoje o ignoram.

A cidade festiva? Ela é construída para fazer esquecer o cotidiano e seus pesares, para dar lugar ao sonho e à descontração. É uma cidade para os *happy hours* ou para as férias, mesmo se os que as habitam trabalham e passam apenas pouco tempo divertindo-se.

Quando uma firma cria um centro de pesquisa, ela não o instala mais automaticamente em uma grande metrópole onde ele se beneficia de todas as facilidades da proximidade: com as telecomunicações modernas, estas facilidades estão acessíveis em todos os lugares. O que conta é o charme do centro onde os engenheiros vão viver, a beleza de sua paisagem, a proximidade do mar ou da

montanha, é Sophia-Antipolis⁶ – tudo o que lhes pode fazer esquecer que estão lá principalmente para trabalhar.

É então a uma mudança profunda na estrutura das redes de comunicação e nas atitudes em relação ao trabalho que correspondem as formas expostas pela cidade pós-moderna. Esta se vê festiva porque responde às necessidades nos momentos em que os percalços da vida de relações e do trabalho pesam menos e nos quais a valorização do tempo livre e dos lazeres se afirma.

A CIDADE RECRIADA PELA FESTA

Como interpretar a mutação contemporânea da cidade festiva? David Harvey lê nela um artifício do capitalismo tornado flexível para fazer esquecer o peso que ele exerce sobre as realidades sociais e os obstáculos que resultam da concorrência exacerbada. A cidade pós-moderna – Las Vegas, por exemplo – é sedutora, sim, mas é para dar uma máscara sorridente a forças que não o são (HARVEY, 1989).

Isso esgota o papel da festa na cidade moderna? Não! A festa relembra à cidade suas dimensões culturais, o *savoir-faire*, os *savoir-vivre* ou os tesouros artísticos que lhe deixou seu passado e os que ela cria para o futuro. Ela é efêmera, mas os trabalhos que ela impõe são consideráveis quando se trata de acolher multidões vindas de todo o país ou do mundo inteiro: o acontecimento deixa sua marca nos bairros que se precisou remodelar ou no conjunto urbano cujas artérias, vias rápidas, transportes coletivos, capacidades hoteleiras foi necessário repensar. A festa mescla, explode as barreiras, aproxima as pessoas, cria-lhes uma memória e recordações comuns.

A evolução contemporânea acentua a especialização profissional, reduz os serviços, fraciona as temporalidades. A festa contraria essas tendências: recria o urbano porque instaura os ritmos e os momentos que todos partilham. Ela dá unidade às existências que o quotidiano justapõe sem integrar. Como desde sempre, ela cria sentido e institui a cidade: tornou-se mais necessária porque o tempo das sociedades modernas está explodido. Para compreender a festa na cidade, é necessário analisá-la, ao mesmo tempo, como espaço e como duração, como um cronotopo⁷, no sentido de Bakhtin (GWIARZDZINSKI).

⁶ Tecnopolo situado na Côte d'Azur. (N. T.)

⁷ Do francês *chronotope*. (N. T.)

A festa é feita de manifestações bastante breves, de *décors* cuja maioria está chamada a desaparecer. Como explicar que seus impactos sejam, com frequência, permanentes? Pelas infraestruturas e pelos equipamentos de que dotou a cidade quando se trata de uma exposição ou de um fórum de importância universal (BALLESTER). Mas, sobretudo, por seu poder performático (LALLEMENT): ela evoca uma realidade que não existe ou que as pessoas ainda não percebem e não compreendem; ela dá-lhe uma consistência, contornos, faz com que viva numa memória compartilhada. Por seu poder performativo, a festa pesa sobre o tempo longo que a sucede, modifica seu sentido, dá-lhe outro sentido. Ela conforta as formas sociais existentes ou enaltece as forças que lhes resistem e deixam entrever outras possibilidades, outros futuros, outros lugares (BERNIÉ-BOISSARD). A cidade cria o social: “Os artistas na cidade ou da cidade [...] salientam a ideia de que o potencial está sempre aí e espera apenas para ser revelado por intermédio de uma invasão lúdica, festiva ou cultural dos lugares” (LALLEMENT).

A festa da cidade contemporânea cria elo social; ela faz advir o inesperado de que todos se recordam. Reconsidera e subverte, mas isso porque evidencia e cultiva as más maneiras, as injustiças, desarma e acalma as tensões. Ao criar outros elos, ela deixa entrever outros possíveis. O acontecimento efêmero favorece o advento de mundos diferentes: é o que os estudos sobre a festa urbana detectam frequentemente, o que as tornam insubstituíveis.

As grandes manifestações festivas internacionais, as exposições universais, os Jogos Olímpicos, os fóruns que se justapõem, a celebração das capitais europeias da cultura sublinham o peso que as políticas atrelam hoje à festa: aquelas que se realizam a grandes custos guardam certas virtudes das manifestações de inspiração mais populares (o poder de criticar ou de instituir o sentido e o futuro). Elas cimentam as identidades – à escala da vida em que elas se mantêm ou à dos países que as financiam e as tornam possíveis. As autoridades municipais encontram aí uma justificativa para seus grandes programas de *aménagement* e de equipamento e a ocasião de fazer com que sejam financiados pelo Estado ou por empresas privadas. Em um mundo de competição, a festa tornada global assegura às cidades onde elas acontecem uma visibilidade internacional.

A CONTRIBUIÇÃO DESTE NÚMERO

Os textos reunidos neste número seguem, no tempo e no espaço, as relações entre a festa e a cidade: analisam-nas na Grécia antiga (COLETTE JOUR-

DAIN-ANNEQUIN), na Coreia de ontem e de hoje (KYUWON KIM), no Rio de Janeiro do século XIX (FELIPE FERREIRA), no Cairo (ANNA MADŒUF), em Paris (MARIA GRAVARI-BARBAS e EMMANUELLE LALLEMENT) ou no conjunto da França (CATHERINE BERNIE-BOISSARD e LUC GWIAZDZINSKI), em Barcelona (PATRICE BALLESTER), em Sevilha (VINCENT MARCILHAC) ou em Camarões (YVES-BERDRAND DJOUDA-FEUDJIO).

As relações que a festa mantém com a cidade são antigas. Da Grécia antiga aos dias de hoje, traços subsistem: o caractere popular das explosões de alegria; dimensão sagrada das manifestações e o lugar mantido para os rituais de inversão social. Sob o efeito da laicização das sociedades e do problema das classes dominantes e das autoridades em controlar as situações potencialmente explosivas, uma evolução desenha-se. Em um mundo tornado demasiadamente racional, a festa aparece como um remédio – a cidade torna-se festiva. As primeiras contribuições deste número (COLETTE ANNEQUIN-JOURDIN, KYUWON KIM, FELIPE FERREIRA) esclarecem a dimensão histórica das relações entre a cidade e a festa. Em uma perspectiva diferente, o tumulto dos bairros centrais do Cairo, onde acontecem os *mûlids*, festas-peregrinações, leva Anna Madœuf a questionar-se sobre a maneira pelas quais os indivíduos vivem os espaços da festa urbana e os utilizam.

A situação muda rapidamente no tempo da cidade festiva: os artigos seguintes abordam esse problema. Maria Gravari-Barbas mostra, no caso de Paris, o quanto o impacto dessas transformações varia de um ponto a outro. O que move hoje as autoridades políticas a multiplicarem as festas e a copiar em todos os lugares as fórmulas tentadas com sucesso em Paris ou alhures? – interroga-se Emmanuelle Lallement, que insiste no papel performático da festa. Catherine Bernié-Boissard pergunta-se sobre o devir da festa no tempo da cidade festiva: qual seu papel na aproximação das comunidades, na construção das identidades ou na afirmação de movimentos de resistência? Para Luc Gwiazdzinski, a festa imprime na cidade outra dinâmica, instala-a noutra temporalidade, que se sobrepõe àquela do quotidiano – donde seu interesse. Mais que nenhuma outra cidade europeia, Barcelona apostou na festa para afirmar-se como grande metrópole: é ao último episódio dessa longa história, o Fórum 2004, a que Patrice Ballester se ateu. Sevilha, que Vincent Marcilhac analisa, demonstra pela festa uma inclinação quase tão marcada quanto Barcelona – o que se traduz

pela multiplicação de níveis festivos que ali se conjugam. A Parada do Orgulho *Gay*, que Carlos Maia analisa em Goiânia e noutras grandes cidades brasileiras, retoma a tradição subversiva da festa. Em Yaoundé, os carnavais de casamento, que Yves-Bertrand Djouda-Feudjio analisa, traduzem a emergência de novas formas de viver a cidade.

Colette Annequin-Jourdain mergulha-nos num passado longínquo da Grécia. Somente a festa cultural existe: encontram-se ali as práticas que estão no coração mesmo do sistema religioso – a procissão, o sacrifício e o banquete ritual que é seu complemento. As antestérias, celebradas aos 11, 12 e 13 dias do mês de antestério (fevereiro-março), sublinhavam em Atenas o renascimento da vegetação. Elas eram dedicadas a Dionísio e aconteciam durante três dias. No primeiro, retiravam-se as censuras que pesavam sobre a nova safra de vinho. No segundo dia, um concurso de bebedores era celebrado na presença do arconte-rei. O tom mudava ao terceiro dia, consagrado aos mortos que voltavam para frequentar o domínio dos vivos. O casamento de Dionísio e da *Basilinna*, a mulher do arconte-rei, lembrava que uma ligação profunda existia entre os deuses e os atenienses. Os vivos religavam-se assim com os desaparecidos, o que reforçava os elos da comunidade.

A festa grega era um tempo de procissões alegres ou ardentes; comia-se e bebia-se em comum; isso cimentava as solidariedades. Era, sobretudo, uma interrupção no cotidiano, o tempo da inversão social, aquele de um encontro entre os homens e os deuses e o de um novo questionamento da distância entre o mundo dos vivos e o dos mortos. Desde o início, na Grécia, a festa urbana anima as solidariedades, fortifica a identidade coletiva e procura triunfar sobre o tempo que passa.

Kim Kyu-won trata de duas festas coreanas oriundas da tradição. Esta misturava a contenção confuciana aos excessos do xamanismo. A evolução contemporânea compromete esse equilíbrio: a componente xamanista e popular desaparece – deve-se ir aos museus para encontrar-lhe um traço. Essa evolução reflete as dinâmicas da modernização. Ela é desigualmente marcada nas duas festas escolhidas. A que ocorre próxima de Seul, reduzida à dimensão confuciana, perdeu todo o seu calor. A que acontece mais longe da capital, numa ilha, preserva ainda a dualidade que compunha o valor das festas tradicionais. Mas como evitar que ela também se empobreça? O turismo pode trazer uma solução?

Felipe Ferreira volta à passagem do entrudo tradicional do Rio de Janeiro às formas modernas do Carnaval ao longo do século XIX. As elites engajam-se então na desqualificação das formas que vêm de um Portugal que se quer esquecer; elas adotam um modelo da França. Os desfiles assim introduzidos acontecem nas ruas prestigiosas do centro: eles dão lugar a uma verdadeira batalha pela hegemonia carnavalesca; paradoxalmente, esta favorece todos os tipos de diálogos, cruzamentos e influências mútuas.

O espaço que utilizam os cortejos carnavalescos encontra-se valorizado: os comerciantes rivalizam para decorar as ruas que eles percorrem. Uma verdadeira hierarquização espacial realiza-se assim no Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX: passa-se do espaço indiferenciado da cidade colonial ao espaço diferenciado da cidade moderna.

Maria Gravari prende-se à cidade festiva do mundo pós-moderno. A ideia que é feita da cidade muda, mas todos os bairros, todas as ruas, todas as praças não se prestam do mesmo modo às transformações que isso implica.

O artigo apoia-se mais particularmente no caso de Paris intramuros enquanto exemplo emblemático do posicionamento festivo de uma metrópole europeia contemporânea. Ele examina a emergência e efervescência festiva das últimas décadas, procura identificar os processos em curso e os atores da *festivalização*⁸ e propõe uma leitura crítica dos lugares investidos (mas também abandonados) pela festa.

Para aprofundar a análise de um problema, é frequentemente útil mudar de perspectiva: é o que propõe Anna Madœuf. As peregrinações aos grandes santos do Islã, os *múlids*, ocorrem nos bairros mais densos do Cairo. A festa instala-se geralmente por uma semana sem interromper a vida quotidiana. Cairotas e peregrinos vivem, pois, num espaço que é, ao mesmo tempo, aquele da festa e aquele do quotidiano, da promiscuidade. Eles desenvolvem ali estratégias de adaptação, de jogo, saltam de um universo a outro, misturando os tempos: é à escala do indivíduo que se mede, sobretudo, o impacto da festa urbana.

A festa está na moda. As autoridades políticas sentem-no tão bem que a multiplicam: é dessa constatação que parte Emmanuelle Lallement. O que buscam os ministros, os prefeitos ou os conselhos municipais quando lançam a festa da música, a jornada do patrimônio, as noites brancas de Paris ou a

⁸ Neologismo do autor: do francês *festivalisation*. (N. T.)

Paris-plage? Por que suas iniciativas são retomadas em todos os lugares? Que fecundidade sentem globalmente na festa para apegar-se tanto a ela?

Tudo vem do poder performático da cidade: ela dá realidade a qualquer coisa que é apenas potencialidade e que não existe ainda – ou que simplesmente não existe. Essas incidências fazem sonhar os que governam e almejam encontrar os meios de mudar o mundo. Manifestação material, a festa moderna (em continuidade com as festas do passado, porém de maneira talvez mais sistemática) é tanto mais estimada que age sobre as sensibilidades, modela-as, orienta-as.

Para Catherine Bernié-Boissard, a festa urbana desempenha tradicionalmente alguns papéis: partilha comunitária, afirmação identitária, resistência à sociedade dominante. Entra-se numa época em que não haveria mais diferença entre o tempo da atividade e o tempo do jogo, uma época na qual se viveria um tipo de uniformização lúdica da existência, tal como assinala Umberto Eco: o tempo da cidade festiva. A extensão das zonas suburbanizadas e rurbanizadas modifica as relações da festa com o espaço: que ligações existem entre os organizadores, as instâncias políticas locais e regionais e o espaço onde acontecem as festividades? A necessidade de compartilhar nunca foi tão forte quanto nas sociedades fragmentadas. A crise das identidades motiva as coletividades a multiplicar as festas que as distinguem e afirmam sua posição na competição universal pelo prestígio. Os grupos marginais buscam, na festa, a ocasião de criar “zonas de autonomia temporária”. A festa urbana renova as tradições revolucionárias. Os comitês de defesa tentam proteger o patrimônio construído e as formas de sociabilidade que eles abrigavam.

Luc Gwiazdzinski analisa há quinze anos as temporalidades urbanas – temporalidades que a modernidade multiplicou. No quotidiano, os cidadãos cruzam-se sem se encontrar. A festa religa os elos que o trabalho dissolve. “Ela reúne e fabrica o coletivo, encanta o espaço público, transfigura o quotidiano e dá-lhe sal, cria outra cidade e engendra uma forma de proximidade e exotismo [dos quais ela é desprovida no quotidiano]”. “Um objeto híbrido e fractal”. A perspectiva que Gwiazdzinski adota para analisar “esse objeto híbrido e fractal” é temporal. Ele fala da “dança da cidade”. Ela é movimento e é este movimento que convém alcançar. Ela é feita de cronotopos que ligam duração e espacialidade. É estudando a festa que se deve compreender que o urbanismo deve ser “um urbanismo dos tempos”, pois é assim que ele poderá voltar a ser, na cidade pós-moderna, “um urbanismo dos sentidos”.

Mais que nenhuma outra grande metrópole europeia, Barcelona buscou, desde os anos 1880, encarnar a modernidade. É à pós-modernidade que ela dá hoje o lugar. Mas como praticar uma grande política urbana quando não se é a capital de um Estado? Faltam meios para financiar os trabalhos ou para aumentar a visibilidade da cidade. As autoridades barcelonesas permanecem fiéis a uma fórmula que lhes foi exitosa: a organização de festas universais, exposições ou Jogos Olímpicos permite-lhes continuar na vanguarda.

Patrice Ballester analisa a última dessas grandes cerimônias de escala planetária: o Fórum 2004. Entre as metrópoles – e os Estados que comumente as sustentam –, a competição é terrível. Barcelona tinha esgotado o campo das manifestações já existentes: não há solução para a cidade senão inventar outra coisa – um fórum cultural que a UNESCO aceita patrocinar. Uma conquista? Parcial somente: a fórmula escolhida não teve unanimidade; a população local somente se sentiu concernida no fim de uma manifestação de grande envergadura. A imagem internacional da cidade como capital da pós-modernidade foi mantida? É difícil dizê-lo. Falta a remodelação de uma parte degradada da cidade, remodelação que vem completar o que Ildefonso Cerdà tinha imaginado há um século e meio.

No mundo atual, as autoridades públicas estão, com frequência, na origem das festas: elas servem-se destas para criar uma nova ambiência e reforçar a atratividade das cidades pelas quais são responsáveis. Carlos Maia analisa outro caso: o da Parada do Orgulho *Gay*. Os desfiles organizados pelas associações de homossexuais, lésbicas, travestis ou transexuais acontecem sob o signo da transgressão e da liberdade sexual. Inscrevem-se eles, portanto, numa lógica de rituais de inversão social que acompanham as festas desde sempre? Não: para os organizadores e a maioria dos que desfilam, as formas de sexualidade cujos traços são reforçados até tornaram-se paródia são tão normais quanto os outros e devem ser reconhecidos como tais. A festa não aparece mais como um momento de liberação que rompe uma duração demasiado lisa. Ela é feita para mudar a vida social e tem um caractere político. Isso explica a regulação por parte dos poderes públicos de que ela é objeto e as violências que sofrem, às vezes, seus manifestantes.

Tanto quanto Barcelona, Sevilha apostou nas grandes festas públicas para afirmar seu estatuto; seu sucesso vem, como salienta Vincent Marcilhac, da combinação original de formas festivas que atingem classes e públicos diferentes, mas que se combinam para criar uma atmosfera original.

A maioria dos estudos recentes insiste no caráter violento e anárquico da cidade africana. Yves-Bertrand Djouda-Feudjio atém-se a uma forma emergente de festividade na África: os carnavais de casamento. Vemos em ação a anarquia e o uso desenvolvido dos espaços públicos que a maior parte dos trabalhos enfatiza mas, por meio dos cortejos suntuosos e das festas dispendiosas, é a necessidade de criar, afirmando-lhe uma ordem social, que pode ser lida – encontra-se aí o papel performativo da cidade.